

# Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

18 a 31 de Julho de 2016 | Nº 113 | Ano V

• Director: José Luís Mendonça •

Kz 50,00



ARTES PÁG. 8

CONEXÕES FEMININAS

CONEXÕES MÚLTIPLAS  
NO ESPAÇO PRIVADO

ECODE ANGOLA

PÁGS. 4-5

MANIFESTO  
DA ACADEMIA  
ANGOLANA DE LETRAS

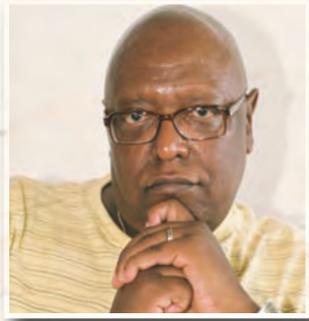


DÍALOGO INTERCULTURAL

PÁG. 13

JOSÉ L. HOPFFER ALMADA  
"REMEMORAÇÃO DO TEMPO  
EDA HUMIDADE"

# POEMA DE FILIPE ZAU



## UM DIA

*Poema hoje dedicado ao Éder  
(e, porque não, a todos os Éderes ainda sem oportunidade  
de revelarem as suas reais capacidades e competências, dentro  
ou fora dos seus respectivos espaços de convivência intercultural)*

A minha pele é escura como a noite.  
Traz cicatrizes do açoite  
e marcas do tráfico negreiro.  
A minha cor escura não ilude  
a intolerância e a inquietude:  
sou africano, podia ser antilhano,  
afro-brasileiro ou afro-americano.

A minha pele é escura como a noite  
e para que não haja engano,  
não sou cigano, nem indiano.  
Sou africano por cultura e opção.  
Poderia ser mouro, antilhano,  
afro-brasileiro ou afro-americano.  
Em qualquer dos casos  
Serei o teu ás, o teu campeão,  
aquele que tanto procuras  
para a vitória da tua equipa  
ou, até mesmo, da tua selecção.

A minha pele é escura como a noite  
e o sangue azul a que pertences  
é tão vermelho como o meu.  
Provéns de árabe, de berbere,  
ou talvez de um negro escravo qualquer  
que, para a serventia da Coroa,  
entrou por Lagos ou por Lisboa...  
Depois de alforriado,  
lá para os lados de Alfama,  
Serias um bailador de fado  
em casas rotuladas pela má fama.

A minha pele é escura como a noite.  
Agora por conveniência,  
sinto vontade de te dizer,  
que encontrei num nobre europeu  
parte da minha ascendência.  
A outra a que pertence  
tem séculos de humilhação  
e décadas de independência...

Perdoa a minha indignação,  
mas entende a minha pertinência  
nesta nossa conversação.  
Só os burros não mudam...  
e um dia... um dia, meu caro,  
aprenderás a julgar os homens  
apenas pelo seu valor moral e ético.  
Basta, tão somente, que te revelem  
o segredo do teu código genético.

*In, "Meu Canto à Razão e à Quimera das Circunstâncias"*

# Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

*Um jornal comprometido*

*com a dimensão cultural do desenvolvimento*

Nº 113 /Ano VI/ 18 a 31 de Julho de 2016

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

### CONSELHO EDITORIAL

**Director e Editor-chefe:**

José Luís Mendonça

**Secretária:**

Ilda Rosa

**Assistente Editorial:**

Coimbra Adolfo (Matadi Makola)

**Fotografia:**

Paulino Damião (Cinquenta)

**Arte e Paginação:**

Sandu Caleia

Jorge de Sousa

Alberto Bumba

Sócrates Simóns

**Edição online:** Adão de Sousa

### Colaboram neste número:

**Angola:** Adriano de Melo, Analtino Santos, Filipe Zau,  
Lito Silva, Norberto Costa

**Marrocos:** Aziza Rahmouni

**Portugal:** Inácio Rebelo de Andrade

## Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

### Propriedade



**Sede:** Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda  
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344  
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola  
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

### Conselho de Administração

António José Ribeiro

(presidente)

### Administradores Executivos

Victor Manuel Branco Silva Carvalho

Eduardo João Francisco Minvu

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Catarina Vieira Dias da Cunha

António Ferreira Gonçalves

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

### Administradores Não Executivos

Olimpio de Sousa e Silva

Engrácia Manuela Francisco Bernardo

# “EXPRESSÕES EM PRATA” NO MUSEU DA MOEDA

## O PASSADO NA CONTEMPORANEIDADE

ADRIANO DE MELO

Quando entramos no Museu da Moeda, os nossos primeiros anfitriões são várias peças de prata, com desenhos exuberantes e diferentes, que configuram a mensagem de vários criadores angolanos sobre o que representam os 40 anos do país e qual a importância do passado ou da tradição no mundo moderno.

Onze é o número de peças que a organização escolheu para mostrar, através de duas gerações de artistas plásticos, o papel da tradição na construção da personalidade e da identidade nacional. A exposição, que fica aberta ao público até o próximo dia 25, de terça a domingo, das 9h00 às 17h00, é também um alerta para os perigos da aculturação e da desvalorização das raízes tradicionais angolanas.

Sem menosprezar as novas tendências do contemporâneo, “Expressões em Prata”, traz também uma dose de modernidade, pelo talento de jovens criadores, que mostraram a beleza da diversidade e a aposta na preservação e divulgação do legado da tradição. “Exortar o país pela riqueza cultural” foi assim que a Primeira-Dama da República, Ana Paula dos Santos, considerou a exposição, depois de a ter inaugurado.

As peças, disse a Primeira-Dama, são sugestivas e permitem aos visitantes ter uma ideia da significância da criatividade dos seus criadores. Ana Paula dos Santos elogiou também a escolha temá-



A Primeira-Dama da República, Ana Paula dos Santos, inaugurou a exposição e elogiou a criatividade dos artistas

tica e a organização da exposição, idealizada pela CIPRO, pela originalidade de cada uma das 11 peças. “São peças criadas por angolanos que querem dar a conhecer como pensa o país e transmitir a quem não o conhece”, considerou.

No final, a Primeira-Dama desejou a todos os convidados um interessante encontro com Angola ao longo de 40 anos, assim como pediu um maior incentivo e aposta nos demais criadores de artes, de forma a terem a possibilidade de expressar o seu talento.

### Olhar a criação

Para mim, “Expressões em Prata” são 40 anos da história de Angola bem justificados pelas esculturas expostas, porque como parte da geração de 80 consigo me rever em algumas das peças, como “Fogareiro”, de António Ole, por

também ter sido parte da minha vida e de qualquer um que não tenha nascido depois de 2005, quando o “bum” tecnológico começou a por nas nossas casas os modernismos eléctricos.

“Mawte”, de Etona, é outro motivo de pensamento. Ao ver a escultura, apesar do autor dizer o contrário e o justificar, fico sempre com a sensação de estar a olhar para um dos símbolos de referência da cultura angolana, o Pensador. O critério está no olhar de quem for visitar a exposição.

A proposta de Massongi Afonso é o batuque, uma peça cujo papel na cultura angolana é fundamental até hoje. Com traços singulares, “Pensando Cultura”, propõe um elogio as artes e a tradição ao som do batuque rítmico.

Os ganhos da paz, a determinação dos angolanos, a luta pela emancipação da

sua cultura pelo mundo, a importância da unidade, os benefícios da liberdade e a actual aposta no desenvolvimento do país estão patentes na mostra em peças como “A Vitória é Certa”, de Fineza Teta, “Liberdade em Ascensão”, de Mayembe, “Angola 40 Anos”, de Helga Gambôa. O crescimento do país é uma das principais propostas temáticas da maioria dos artistas convidados, por representar o renascer da esperança, num país que durante anos sofreu devido a guerra civil e por séculos pagou os danos da escravidão. Mpambukidi Lunfidi, com “Angola 40 Anos”, ou M’Panda Vita, no seu “Angola - 40 Anos de Ebulição”, são as provas deste reconhecimento e elogio a paz e aos ganhos proporcionados por estas em diferentes sectores da sociedade. A dinâmica actual e as mudanças e influências que o modernismo trouxe ao país, em especial nas artes, esta demonstrada em “Angola, o nosso tempo Próprio”, de Miguel Gonçalves e na “Contemporaneidade”, de Amândio Vemba.

A grandeza e o papel da mulher na História do país, no seu desenvolvimento e na estabilização das famílias é enaltecida por Patrícia Cardoso na escultura “Mukemba”, um elogio e homenagem a todas as angolanas.

A mostra, que não se circunscreve somente a cultura angolana, destaca também os símbolos nacionais, num claro alerta à sua importância e maior divulgação hoje, numa época em que a aculturação começa a ganhar mais espaço.

## MITO GASPAR NO PALÁCIO DE FERRO

### FIEL DIFUSOR DOS ANCESTRAIS

ANALTINO SANTOS

No dia 8 de Julho, sexta-feira, o Palácio de Ferro fugiu um pouco do simples facto de ser palco e fez-se esteira de uma reunião solene, com a estrela apresentar-se como um fiel difusor da mensagem dos ancestrais por via do canto. Ouve, esteriliza no coração e desabafa em música para uma maioria que ocorreu ao local ciente e seduzida pela forma lúdica e leve como este interpreta/arranja misoso e jisabu.

Com o suporte da Banda Movimento, Mito Gaspar iniciou a actuação em grande, não poupando alegrias, ao interpretar o seu grande sucesso “Man Polé”, canção que narra a estória do homem que aproveitava-se das mulheres nas cerimónias fúnebres.

“Havemos de Voltar”, um dos mais emblemáticos poemas de Agostinho Neto, mereceu uma arrojada tradução para o kimbundu, dando vazão ao arrepiante “Hadia Tu Vutuka”, bem recebido

pelo público. Este tema marca a trajetória do artista, pois, no longínquo ano de 1983, fê-lo conquistar o Primeiro Festival da Canção. Na época fazia parte do Trio Henda, em representação da província da Huíla.

Artesão de ritmos que fundem a tradição à modernidade, amante da boa conversa, cantou “Mahezu” e fez uma viagem espiritual solitária com “Kassexi”, que explica ser uma adaptação moderna daquilo que os nossos antepassados cantavam. “Kibuka Kya Mona” fez os espíritos sossegarem, um momento mais Mito, apenas com o seu tradicional violão e a percussão amena de Correia. “Hassa” ainda confirmava o momento de introspecção, que é, conforme explicou Mito, uma poderosa oração de uma mãe ciente para proteger o seu filho da inveja das vizinhas e dos maus espíritos.

Agostinho Neto foi outra vez invocado num kimbundu estalado em “Eme Nzambimuenhu”, originado do poema “Renúncia Impossível”. “Palanhe N’go” e “Mana Minga”, temas do fol-

lore de Malange que conquistaram o país, causando a recorrente homenagem aos Ndengues do Kota Duro, trouxeram um ritmo mais acelerado. Este exigente cultor do Kimbundu ainda teve tempo para a memorável canção “O que será”, uma música que marca uma Angola destroçada pela guerra.

Sem desprimor pelos demais presentes, um outro ilustre de Malanje (o poeta Lopito Feijóo) alterou o alinhamento musical ao solicitar novamente “Man Polé”, para deleite dos presentes e da sua esposa inspiradora Mamá África, que subiu ao palco e abriu caminho para dança.

Apesar de Mias Galhetas transportar o baixo com um groove africano, o bom ritmo de Kintino, os solos bem inspirados saídos da guitarra de Teddy Nsingui, ou mesmo as harmonias dos teclados de Chico Madne trazerem marcas da música tradicional, era possível um pouco mais de ousadia com a inclusão de instrumentos de matriz angolana, que bem poderiam dar um outro toque. Os tambores ocidentais de Correia po-



deriam harmonizar-se com a marimba de um mestre como o Tio Maduro.

O espectáculo de Mito Gaspar enquadrou-se no programa de actividades musicais da III Trienal de Luanda e foi antecipada pela actuação dos grupos Kituxi e Seus Acompanhantes e União Rebita. Calabete fez o mesmo percurso e desfilou os seus sucessos sete dias antes, 1 de Julho.

# ACADEMIA ANGOLANA DE LETRAS MANIFESTO



A literatura em Angola é um facto de ocorrência antiga. Ela deve ser sempre especificada em função da sua dualidade. Por um lado, fazendo referência à criação popular oral, na qual encontramos as múltiplas criações literárias de tradição oral; e por outro, referindo a literatura escrita que surgiu em Angola através da acção da colonização portuguesa e dos intelectuais angolenses.

Na tradição dos povos de Angola encontramos múltiplos géneros de permanência oral, que na maior parte dos casos são apontados como narrativas, sendo umas longas e outras breves. Mas há também máximas, textos de expressão dramática, preces, estórias e crónicas das comunidades, provérbios, adivinhas, poesia, música e canto. A incompreensão, pelo cânone e pelas instâncias literárias ocidentais, do modo e da forma como tais géneros literários são mantidos e divulgados no seio das comunidades ditas tradicionais, não impede que as populações permaneçam cientes dos conhecimentos veiculados por estas. Toda a organização social das sociedades “tradicionais” de Angola é geralmente regida por tais conhecimentos: a origem do Mundo e de Deus; o posicionamento dos deuses, veiculadores de dados ordenadores de formas de convivência; o funcionamento dos órgãos de poder e as regras de sucessão; o surgimento de “génios” da natureza, a articulação entre a sociedade e a natureza; as normas do casamento e o ordenamento dos sistemas de descendência; a manutenção dos vivos e os problemas trazidos pela morte e outras questões do foro jurídico e social são não apenas geridas por sistemas sociais de rituais, mas também e sobretudo por evidências pautadas ou expostas nas múltiplas narrativas orais criadas pelas pessoas. Essas narrativas são mantidas por grupos, comunidades e populações, como se de documentos escritos se tratassem. Há verdadeiros arquivos orais, guardados por sapientes conhecedores e regedores das normas endógenas que as comandam.

Na sociedade angolana moderna, quando se fala de literatura, pensa-se em primeiro lugar naquilo que é criado por um escritor angolano imbuído do espírito moderno, seguindo um natural pensamento estruturado da ordem cultural mundial. Estamos, assim, perante um romancista, um contista, um poeta, um ensaísta ou um crítico literário. São as instâncias do sistema literário internacional que ditam esta forma estruturada de entendimento da literatura. Apesar da dualidade de critérios, devido aos processos e relações sociais ocorridos no conjunto da sociedade angolana, a Academia Angolana de Letras (AAL) assinala que ambos os modelos citados são hoje paradigmas de criação complementares e enriquecedores da modernidade angolana.

Em Angola, os primeiros documentos impressos datam de 13 de Setembro de 1845, na sequência da criação do Boletim do Governo-Geral da Província de Angola. O surgimento desse órgão traz igualmente a informação acerca da nova denominação de Angola, que passa doravante para a designação de Província de Angola, reunido assim os antigos «Reino de Angola» e «Reino de Benguela». Em 1863, a Província de Angola passou assim a estar dividida em cinco distritos, a saber: Luanda, Benguela, Moçâmedes, Ambriz e Golungo Alto, os quais passaram a estar subdivididos em concelhos.

Desde a criação da imprensa em Angola que vemos surgir no país uma forma esclarecida de jornalismo, em que distintos jornais e intelectuais desempenham um papel de charneira. Nesses cerca de 50 anos até ao início dos anos 1900, assiste-se em Angola a múltiplas formas de actuação, tanto dos actores representantes do colonialismo português, quanto daqueles que, de forma esclarecida, combatiam a actuação do sistema. As resoluções saídas da Conferência de Berlim de 1885 constituíram um factor impulsionador para as actuações que se seguirão. Com efeito, foi na sequência dessas resoluções que os Estados Imperiais decidiram posteriormente criar uma nova cartografia do continente africano, determinando as suas fronteiras como lhes aprouvesse.

A publicação de múltiplos jornais tornou possível o surgimento de uma plêiade de jornalistas angolanos e, sobretudo, de profissionais empenhados na luta pela causa do país. Muitos desses jornalistas eram escritores, estudiosos e notáveis analistas dos fenómenos políticos, económicos, sociais e culturais do seu tempo, sobressaindo-se pelas matérias escritas e por posicionamentos que hoje podem ser identificados como nativistas, porque nessa altura já lutavam pela causa da independência. O manuscrito intitulado *Voz de Angola*, dado à estampa em 1874, não obstante o facto de ter vindo à luz sem assinatura, é um documento notável que deve ser lido, discutido, aclarados os seus autores e devidamente divulgado. Na mesma linha, seguir-se-á a publicação no primeiro ano do século XX (inicialmente, de importantes peças jornalísticas de confronto com



Boaventura Cardoso e A. B. Vasconcelos

autores do regime e, em seguida, compilada em livro) da obra colectiva *Voz de Angola Clamando no Deserto*. Oferecida Aos Amigos Da Verdade Pelos Naturais (1901), o primeiro manifesto colectivo de intelectuais angolenses, um verdadeiro libelo acusatório e uma denúncia das práticas discriminatórias do sistema colonial português em Angola. É desse movimento nativista oitocentista e do início do século XX que ecoam os primeiros lampejos da literatura angolana escrita e dos estudos sociais angolenses.

A simbiose entre escritores e analistas dos fenómenos sociais regista em Angola a sua marca a partir do último quartel do século XIX. Jornalistas e escritores como José de Fontes Pereira ou João da Ressurreição Arantes Braga, assim como escritores e analistas sociais talentosos como Joaquim Dias Cordeiro da Matta, Pedro Félix Machado, Pedro da Paixão Franco ou Francisco das Necessidades Ribeiro Castelbranco (também autor da primeira História de Angola) desempenharam importantes funções, tanto nas suas bancas de jornal, quanto no acto de criar cenas para os seus escritos, bem como na publicação de textos de estudos culturais e de análise social da situação da colónia.

Há, contudo, um espaço ténue entre uma e outra actividade: o escritor analisa os dados que lhe são postos à disposição e recria a natureza e o imaginário desses mesmos dados e dá vida aos seus personagens, incrustando-os nos múltiplos contextos de vivência da sua obra; o cientista social alimenta-se dos factos sociais nas suas múltiplas dimensões e versatilidade, observa-os e interpreta-os, fazendo recurso a um conjunto variado de técnicas e métodos de estudo das colectividades humanas, para colocar no papel e noutras formas de transmissão de texto e de imagens aquilo que observou ou lhe foi dado a interpretar. Tanto um como o outro encaminham os múltiplos recursos que têm ao serviço do saber, das famílias, dos grupos sociais, das comunidades humanas e da sociedade, no passado como no presente, em estreita complementaridade, desempenhando papéis importantes no âmbito do conhecimento e da mudança social. A Academia Angolana de Letras manterá certamente essa tradição centenária de simbiose e complementaridade entre escritores e cientista sociais.

A Literatura e os Estudos Sociais Angolanos desempenharam desde sempre um papel importante, tanto como meio de retenção e reprodução do imaginário e de conhecimentos sobre os povos e a sociedade, quanto para a compreensão dos fenómenos e das dinâmicas sociais a ela inerentes.

Durante o período colonial, em que a sociedade estava cindida em dois grandes grupos (o estrato dominante e o estrato dominado), a literatura e os estudos sociais coloniais serviram sobretudo os desígnios da classe dominante. Mas a classe dominada, integrada pelas comunidades e populações do país, que foram desde sempre consideradas como estratos ou grupos de «primitivos» e «selvagens», de «indígenas» ou gentes «sem cultura», no silêncio a que foram remetidos pelo colonialismo português, pautavam-se por regras precisas de convivência social, de organização e de estruturação dos seus conhecimentos e modos de vida, guardando formas específicas de sa-

beres sociais endógenos e, dentre estes, tipos diversificados de narrativas convenientemente estruturadas. Pautavam-se por regras precisas de convivência, de organização e de estruturação dos seus conhecimentos e modos de vida, guardando formas específicas de preservação da memória colectiva e cuja permanência os vincula ao presente.

No decurso da primeira metade do século XX, a actuação dos «filhos do país» mostra o declínio completo da luta nativista e vai ser preciso esperar algumas décadas para o seu reavivar em finais da década de quarenta e inícios da década de cinquenta. Alguns trabalhos de natureza histórica e sociológica constituirão notáveis contributos para compreender esse período, sendo de assinalar o já citado *Voz de Angola Clamando no Dezerto* (1901), *História de uma Traição*, de Pedro da Paixão Franco (1911) e *Relato dos acontecimentos de Dala Tando e Lucala*, de António de Assis Júnior (1917). A Academia Angolana de Letras assume a herança intelectual desses talentosos escribas angolenses, que fizeram das suas penas uma arma de luta pela afirmação e emancipação social, política, cultural e espiritual dos angolanos.

A partir do ano de 1948 e seguindo o exemplo das gerações precedentes, um grupo de jovens intelectuais funda em Luanda um novo movimento cultural e literário, crismado pelos estudiosos da literatura e dos movimentos culturais como «Vamos Descobrir Angola!» ou «Geração de 48». Esse movimento de jovens intelectuais empreende uma nova estética literária, de pendor social e nacionalista, assente nos motivos e nas aspirações de vida das populações indígenas. Surgem no mesmo período movimentos culturais e revistas de vocação nacionalista, tais como o «Movimento dos Novos Intelectuais de Angola» (1948) e *Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola* (1951-1952). Poetas como Viriato da Cruz (1928-1973), Agostinho Neto (1922-1979), Mário Pinto de Andrade (1927-1990) e António Jacinto (1924-1991) destacaram-se no processo de construção da nova constelação literária, sendo de sublinhar o nome do escritor e cientista social Óscar Ribas (1909-2004), como figura incontornável na formulação de novas propostas no estudo do quotidiano social e cultural das populações angolanas autóctones de língua kimbundu.

Em 1952, estudantes, escritores e investigadores sociais oriundos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe criam, no coração da capital da Metrópole, o Centro de Estudos Africanos (CEA), que assinala um momento de viragem epistemológica no estudo dos fenómenos sociais das colónias africanas sob administração portuguesa. Integram essa nova iniciativa dois escritores e estudiosos angolanos: António Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade. Os movimentos literários e culturais iniciados em finais da década de quarenta do século XX inspiram o surgimento do moderno nacionalismo angolano na década seguinte. Escritores e estudiosos sociais, tais como Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, António Jacinto e Mário António Fernandes de Oliveira (1934-1989) intervêm como protagonistas desses movimentos colectivos de luta pela libertação nacional. São perseguidos, julgados e condenados pela máquina policial e judicial colonial.

No início da década de sessenta, alguns desses intelectuais lideram a Luta Armada de Libertação Nacional. Nessa década crucial da luta pela autodeterminação, escritores e investigadores sociais criam em Argel, capital da República Argelina, o Centro de Estudos Angolanos (CEA), que publica o primeiro manual de História de Angola de pendor nacionalista. Pela primeira vez é exaltada a gesta gloriosa do Povo Angolano desde o período mais antigo anterior à implantação do sistema colonial. A Academia Angolana de Letras rende

uma merecida e eterna homenagem aos Heróis da Pátria e aos escritores e cientistas sociais que lutaram pela liberdade e pela independência nacional, concretizada a 11 de Novembro de 1975 – momento sublime proclamado pelo poeta e ensaísta António Agostinho Neto, Primeiro Presidente de Angola, o patrono da Academia Angolana de Letras.

Um mês após a independência, a 10 de Dezembro de 1975, os escritores angolanos proclamaram a primeira organização cultural angolana: a União dos Escritores Angolanos (UEA), que desempenha hoje um papel de vanguarda na tarefa de criação literária e artística. Desde os anos que se seguiram aos nossos dias, os escritores e investigadores sociais engajaram-se na apresentação de novas propostas literárias e no estudo e interpretação dos novos quadros sociais, dando uma inestimável contribuição para os processos de reconstrução nacional, para a consolidação da revolução e do poder popular e para conquista da paz, dos processos de coesão nacional e da formação da Nação Angolana. A Academia Angolana de Letras assinala o valioso tributo das obras dos escritores e dos cientistas sociais angolanos à criação simbólica da cidadania e da nacionalidade angolanas, que tanto têm contribuído para moldar os imaginários e as maneiras de ser, de sentir e de estar da comunidade nacional nas suas variadas dimensões (económica, social, política, cultural e espiritual).

A Academia Angolana de Letras homenageia os membros fundadores da União dos Escritores Angolanos, os precursores e fundadores dos Estudos Sociais Angolanos, assume a responsabilidade de contribuir para a definição dos cânones Literários e das Ciências Sociais e Humanas Nacionais, contribuindo ainda para o estudo obrigatório de autores angolanos das áreas de humanidades no sistema nacional de ensino (geral, técnico-profissional e superior).

A Academia Angolana de Letras advoga a criação literária e social, bem como a democracia criativa e crítica nas suas vertentes cultural e científica, como postulados inalienáveis da liberdade humana. Nesta perspectiva, a Academia Angolana de Letras constitui um espaço essencial de liberdade e de responsabilidade cultural e social dos escritores e dos cientistas sociais angolanos. A liberdade de criação, a liberdade de pensamento, a liberdade de expressão, as liberdades académicas e a responsabilidade social e cultural dos escritores e dos cientistas sociais são princípios essenciais que nortearão o funcionamento da Academia Angolana de Letras.

Hoje, perante os novos e grandes desafios culturais e sociais, os escritores e investigadores sociais angolanos reunidos em torno da Academia Angolana de Letras assumem e renovam o compromisso secular de trabalhar para a dignificação das Línguas Nacionais, da Literatura e dos Estudos Sociais Nacionais, honrando o génio criador e inventivo do Homem Angolano, e baseados na brilhante tradição das gerações precedentes, colocam o conjunto da sua acção criativa e dos saberes endógenos herdados ao longo dos séculos, ao serviço das populações, das comunidades e dos povos, e em especial, das gerações vindouras. Assim, neste momento de proclamação e celebração dos escritores e cientistas sociais, a Academia Angolana de Letras afirma-se como um espaço de diálogo interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, de criatividade literária e cultural, de reprodução e divulgação de saberes endógenos, de comunicação cultural inter-geracional e de renovação, projecção e consolidação do nosso destino e imaginário colectivos – A ANGOLANIDADE.

**(Manifesto aprovado na Assembleia Constituinte da AAL, realizada no passado dia 7 de Julho de 2016)**



Membros da AAL



Membros presentes

*A propósito de uma mukanda vinda do outro lado do Atlântico*

## TRANSVERSALIDADES NOS ESTUDOS (LITERÁRIOS) ANGOLANOS NO BRASIL SOMAM E SEGUEM

NORBERTO COSTA

O Brasil é, provavelmente, o país do continente americano que mais tem desde longa data a preocupação de conhecer a África. Esta suposição parece tornar-se uma certeza, se voltarmos o nosso olhar para o papel pioneiro desenvolvido pela Universidade de São Paulo em torno dos estudos africanos, ainda nos anos 60, com a contratação do escritor Castro Soromenho para ministrar o curso da Sociologia da África Negra, inspirado na sua experiência e vivência em África, mas sobretudo no “sertão” da Lunda, para onde fora trabalhar como funcionário público ao serviço da administração colonial portuguesa. Aliás, espaço geográfico que serve de pano de fundo da sua trilogia de Camaxilo.

Os estudos africanos e, sobretudo, angolanos, referidos ao plano literário, sofreram um grande impulso com a introdução da pesquisa, análise e divulgação das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, de que resultaram a inserção na grelha curricular na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da USP nos meados dos anos 70, das Literaturas Africanas de língua portuguesa, com destaque para a angolana e a cabo-verdeana, as mais pujantes entre as cinco. São pioneiros dessa ‘démarche’ didáctico-pedagógica os prof.drs. Fernando Mourão e Maria Aparecida Santilli, consagrando-se assim como os precursores dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil. Depois dessa experiência inicial os estudos literários africanos estenderam-se para outras universidades brasileiras, chegando a ganhar foro de cidadania na media brasileira, sobretudo em alguns órgãos especializados, como na revista África da USP e de estudos da linguagem da Universidade fluminense, sem prejuízo do centro de estudos Afro-Asiáticos, sob coordenação do Prof. Cândido Mendes. Entretanto, quando em 2007 estivemos na PUC/São Paulo sentimos pouco os ecos destes estudos universidade afecta à igreja Católica, pelo que chegamos à conclusão que era uma “aventura académica”, conseguida por meia dúzia de africanistas interessados no conhecimento científico de África. Nesta senda, em finais de 1983, o professor português Alfredo Margarido, publica um interessante artigo sobre “A emergência da literatura angolana”, no mais cotado jornal paulista, o Estado de São Paulo, constituindo na verdadeira uma pedrada no charco do marasmo reservado à África na grande imprensa brasileira, cujo diapasão dos seus intelectuais parece afinar mais para o gigante do norte - os Estados Unidos da América. Em se tratando dos Estudos Unidos, duas a três figuras

de académicos entre finais dos anos 60/e princípios dos anos se ocuparam dos estudos africanos dos PALOP, particularmente Angola (Gerald Bender, autor de “Angola sob domínio colonial português” - história política-, profusamente divulgada entre nós), como em relação à literatura destacamos os professores Russel Hamilton e Gerald Mosser (entre outros raros) os nomes mais badalados entre nós.

Voltando ao Brasil, a divulgação da literatura angolana e dos demais 4 PALOP e mesmo africana, em geral, sofre um grande “élan”, com a publicação pela editora “Ática”, igualmente sob coordenação de Fernando Mourão, de títulos de autores angolanos como Wanhenga Xitu, Luandino Vieira, Pepetela, Boaventura Cardoso e Jofre Rocha, para não falar dos caboverdeanos Oswaldo Alcântara, Manuel Lopes e Teixeira de Sousa, ou dos moçambicanos José Craveirinha, Orlando Mendes e Luis Beranrdo Honwana. Em relação à África de língua oficial francesa destacamos a publicação do romance histórico “Sundjata”, de Djibril Tamsir Nyane, e romancista do nigeriano, Chinua Achebe, com o título “O mundo se despedaça”, cujo um dos personagens, Okonkwo, se suicida para recusar a agressão colonial.

Rebobinando o caso de Angola, nos anos 80 poetas como João Maimona viram os seus poemas publicados no Suplemento literário de Minas Gerais, assim como Lopito Feijó, na revista “Dimensão”, sem esquecer o caso do jovem oriundo do Uíge, Luís Queta, falecido precocemente no princípio dos anos 90, que teve os seus poemas publicados num outro periódico brasileiro, que chegou ao nosso conhecimento por via de uma exposição realizada pela BJLA, na extinta galeria Humbiumbi, do finado promotor cultural Tirso do Amaral, cujo vazão deixado no panorama da divulgação das artes é notório, apesar da pequenez do seu espaço, entregue hoje aos serviços de restauração. Porém, nos últimos anos a divulgação da literatura angolana no Brasil tem destacado figuras da nova vaga como Isabel Ferreira, Jonh Bela, Ngonguita Diogo, entre outros, nomeadamente na Baía e não só, com o concurso da “prata da casa”

### “Tranversos- revista de história”

Nesta senda da divulgação da realidade social, cultural e literária angolana no Brasil, recebemos há dias a notícia da existência da “Transversos: revista de história”, através da nossa caixa de correio electrónico.

Em carta subscrita pelos responsáveis da publicação pode ler-se:

“É com imensa alegria que apresentamos a Transversos: revista de história

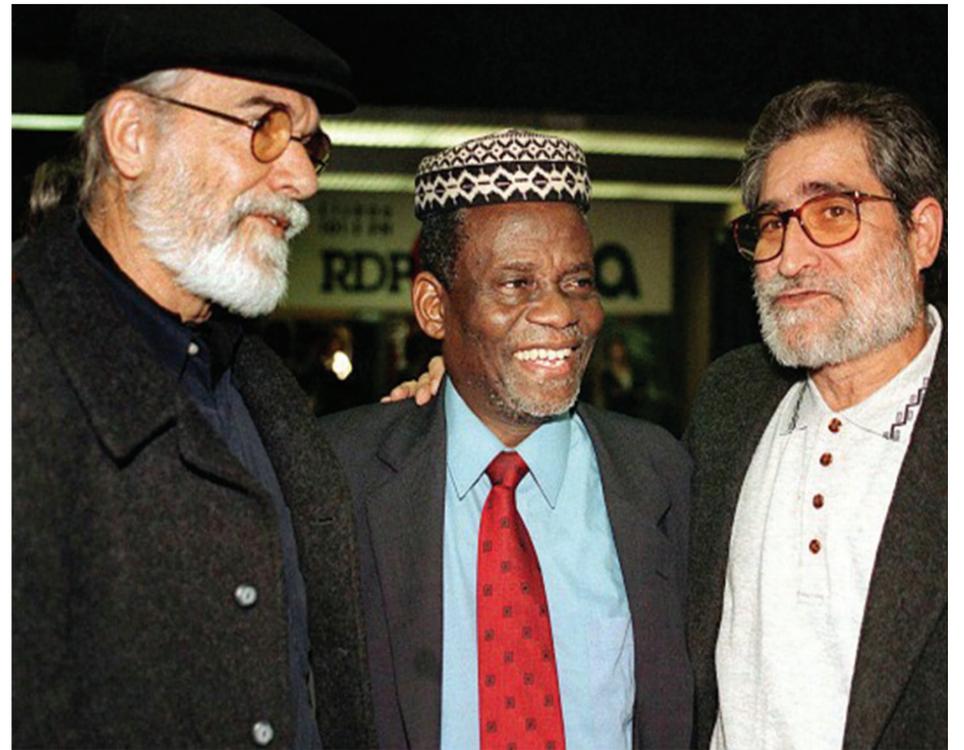
(ISSN 2179-7528) como o dossiê ‘Áfricas: história, literatura e pensamento social’”, sublinhando que “é fruto de desdobramentos das actividades do grupo de pesquisa Áfricas, vinculado ao Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades (LEDDDES) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bem como de parcerias com outros núcleos de estudos, pesquisa e extensão, tais como o Laboratório de Estudos Africanos (LEÁFRICA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).”

Os subscritores enfatizam que “Assim, como o tecido africano estampado na capa deste número da Transversos, o seu dossiê e notas de pesquisa tecem tramas com fios policromáticos: há uma diversidade de objectos e abordagens relativos à multifacetada África, mas que de certa

forma, giram em torno do trinómio história, literatura e pensamento social africano”, acrescentando que “Desejamos uma saborosa leitura a todos, despertando novas reflexões e inauditos debates”.

Já no fim da missiva lembram que “lembramos também que a Transversos: revista de história recebe artigos em fluxo contínuo”, basta que para tanto que “Aceda à página da revista, conheça o nosso dossiê, vejam as regras e enviem seus materiais para os próximos números.”

Finalmente, subscrevem a “mukanda” os Prof. Dr. Silvio de Almeida Carvalho Filho, da LEÁFRICA/UFRJ e Prof. Dr. Washington Santos Nascimento (AFRICAS - LEDDES/UERJ). A quem agradecemos e que mandem sempre notícias destas e outras transversalidades entre Angola e o Brasil.



Luandino, Xietu e Pepetela



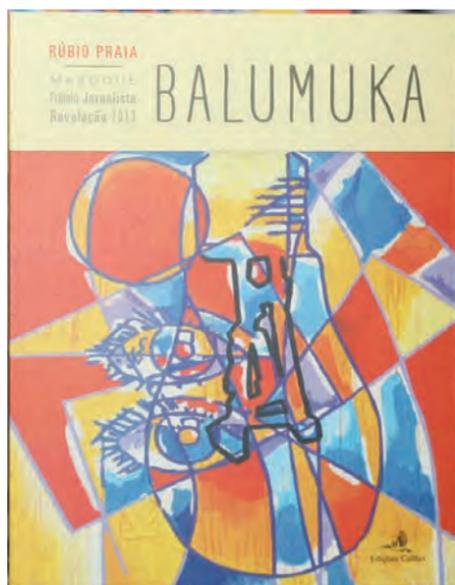
Castro Soromenho

# BALUMUKA

ESTREIA DE RÚBIO PRAIA



Rúbio Praia



Rúbio Praia, prémio Maboque Jornalista Revelação em 2013, viu a sua primeira obra,

uma compilação de crónicas literárias e jornalísticas, sair à luz do dia 29 de Junho, no Palácio de Ferro, no

âmbito da III Trienal de Luanda.

Apresentado pelo escritor Victor Amorim Guerra, o livro, de 165 páginas, traz uma temática diversificada que vai desde o bullying, fuga à paternidade, o crescente número de igrejas, prostituição e a educação enquanto processo de formação integral do homem.

“Nós angolanos, jovens principalmente, precisamos de ter uma postura diferente. Devemos influenciar as pessoas de forma a terem um comportamento positivo que se reflecta na sociedade, ou seja, uma sociedade sadia faz-se com pessoas sadias”, aconselhou Rúbio Praia que acredita que “com o Balumuka, do quimbundo, que significa acorda, as pessoas poderão ler, reflectir e pensar sobre o estado de coisas e a postura que devem tomar dentro da sociedade”.

Rúbio Praia disse que algumas crónicas foram publicadas em 2004, no complemento Vida Cultural do Jornal de Angola. “De lá para cá, escrevi para o programa Kialumingo (RNA), em 2009, depois estive no semanário Agora, onde também escrevia crónicas.

Enquanto coordenador da área cultural e sociedade do jornal, vivenciei muitas situações como violação, o crescer da violência e do crime em si. Estes temas todos e mais alguns inéditos que escrevi de 2012 a 2014 é que fazem esta compilação de crónicas jornalísticas e literárias que é o Balumuka”, esclareceu.

Victor Amorim Guerra considerou que a obra de Rúbio Praia ultrapassou a sua condição profissional de jornalista e foi para o lado da literatura.

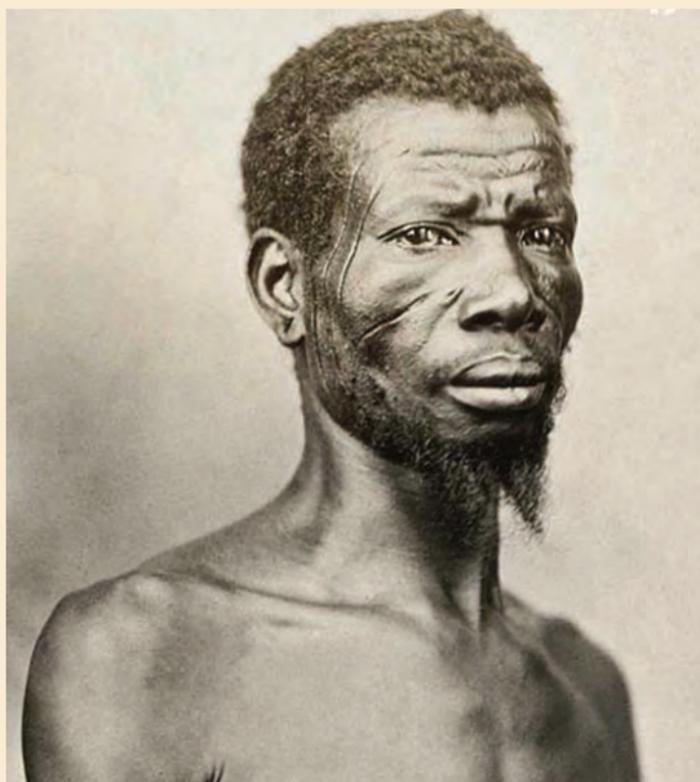
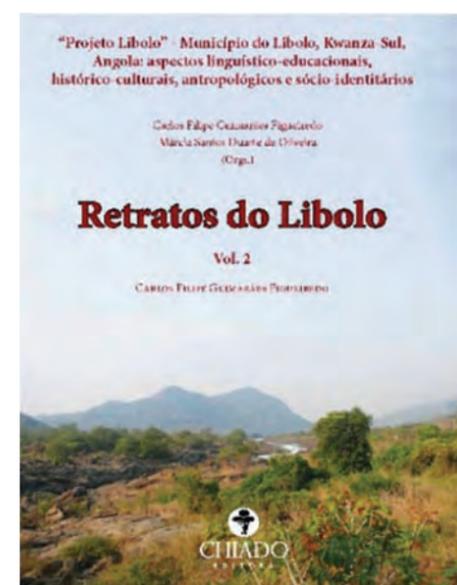
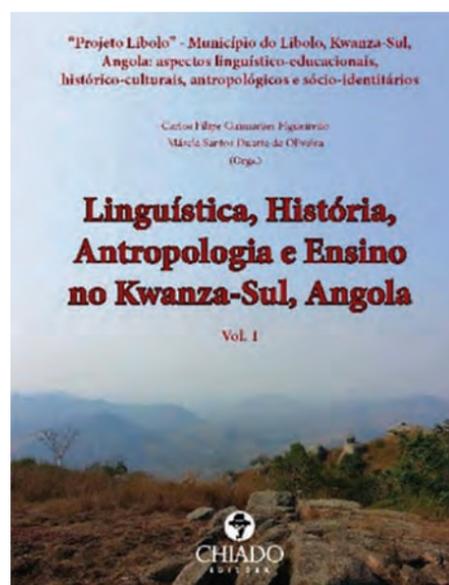
## “RETRATOS DO LIBOLO” II

No dia 10 de Julho, decorreu, no Salão Multiusos da Missão Católica de Santo António de Calulo, o lançamento do livro Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: Aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários”, Vols. 1 e 2, e foi apresentado o segundo volume da Obra Retratos do Libolo, inserida no “Projeto Libolo”.

O Projecto Libolo é uma iniciativa que abraça o estudo de aspectos linguístico-culturais, his-

tórico-culturais, antropológicos e socio-identitários.

Em Retratos do Libolo, Carlos Figueiredo que de forma destemida e desapaixonada palmilhou o território que se encontra entre os rios Luinga, Longa e Kwanza bem como a Estrada Nacional 120, apresenta-nos aspectos como a Geografia, o relevo a Hidrografia e seus recursos, o clima, o solo, a fauna e a flora, o café do Libolo, e até insectos típicos. No livro, encontramos ainda aspectos sociológicos e históricos.



Escravo negro do Rio de Janeiro

## A DOR MAIOR DE UM CONTRATADO

*Não é durante o dia,  
naquela imensidão de cafeeiros,  
quando granjeia a terra  
com outros companheiros;  
não é quando se alaga de suor,  
porque o sol brilha lá em cima  
e abrasa a roça inteira de calor;  
não é então que sente  
a dor maior de estar ali.*

*Não é, não é...*

*Em cada dia do contrato,  
muito pior  
do que o suor  
e a pele a arder;  
muito pior  
é quando a noite chega de repente  
— e daqueles que amou,  
que estão no quimbo àquela hora  
(lembra-se bem de todos, um a um,  
a mulher, mais os filhos que deixou),  
não ter nenhum  
junto de si...*

Inácio Rebelo de Andrade



Keyezua



Ana Silva

## CONEXÕES FEMININAS

### CONEXÕES MÚLTIPLAS NO ESPAÇO PRIVADO

Inaugurada no dia 11 de Julho e aberta ao público até ao dia 26 de Agosto, na galeria do edifício Sede do Banco Económico, está uma exposição colectiva das artistas Ana Silva, Keyezua e Rita GT, sob a designação de Conexões Femininas.

Explorando a noção de identidade feminina no espaço privado e no contexto multicultural e intercultural através do objecto de arte, torna-se parte de um processo de diálogo num enquadramento mais alargado de desenvolvimento humano, histórico e cultural. Podemos falar de Multiculturalidade porque trata de diferentes culturas que coabitam no mesmo espaço, e de interculturalidade porque cada uma delas tem incluso o resultado de várias culturas adquiridas pelas experiências e vivências de cada um.

Para a curadora Sónia Ribeiro “não se trata de falar de feminismo mas do olhar feminino e do resultado da interacção destas artistas acerca das no-

ções de identidade, memória, história, tradição e modernidade num contexto específico, intimista mas global ao mesmo tempo.

A noção de globalização no contexto do pós-modernismo tem implicações de natureza antropológica. Definido como “as características de natureza sócio-cultural e estética, que marcam o capitalismo da era contemporânea” o Pós-modernismo coloca a reflexão numa época em que (co)habitamos num universo imagético, repleto de signos, ícones, ruídos visuais -fantasia - em detrimento dos objectos e por vezes da experiência (real). Propostos pela tecnologia e pela necessidade de criar a ilusão, completar o vazio, a simulação substitui a realidade e entra muitas vezes em colisão onde o individual predomina sobre o colectivo.

Ao mesmo tempo que a globalização e a tecnologia podem esbater essa distância como espaço de comunicação entre culturas, colocam-se no caminho

diferentes questões e suscitam-se novos discursos. Reflectir sobre este processo sob o ponto de vista feminino e em África leva-nos a repensar acerca da apropriação cultural e técnica, não como um processo histórico de colonizador / colonizado mas a repensar na mudança de paradigma que permite considerar o objeto não como uma entidade física acabada, finalizada, mas sim como uma construção sociotécnica – “A apropriação questiona assim não somente o desfasamento entre o prescrito e o efectivo (adaptação), obrigando a pensar os processos intermédios que são as formas de se aperceber e entender o prescrito e as formas de actuar, de viver com eles em contextos particulares (apropriação)”.

A viagem individual de cada uma das artistas é colocada num espaço seu, íntimo mas em permanente diálogo num espaço entre espaços, por vezes em confronto com o outro, no qual o todo é maior do que a soma das partes.”



Rita GT





Amilkar, VAN e Teresa Mateus

# ÍCONES E PAISAGENS DA MINHA TERRA

## DE FRANCISCO VAN DÚNEM (VAN)



Moradia, 2016, objecto intervencionado



Onda, 1995, objecto encontrado



Dia e Noite, 2016, objecto e técnica mista sobre tela



Quadro de Van



No mato a estranheza, 2016, objecto e técnica mista sobre tela

Dia 12 de Julho no CAMÕES, o Mestre Francisco Van Dúnem (Van) inaugura a exposição “ÍCONES E PAISAGENS DA MINHA TERRA”, que assinala quatro décadas do seu percurso artístico.

Na exposição individual “ÍCONES E PAISAGENS DA MINHA TERRA” Van apresenta cerca de noventa obras inéditas, em expressões diversificadas (dez pinturas, setenta desenhos, uma instalação, um vídeo e cinco objectos de materiais diversos). Através deste trabalho, Van revisita e reinventa a sua muito cara angolidade, reafirmada como recorrente fonte de inspiração e fio condutor de toda a sua obra. Mergulha nas raízes profundas da sua Terra, sem contudo deixar de se assumir como um artista da sua época, que reflecte, interroga e questiona, chamando a atenção para contradições que marcam as novas realidades sociais e urbanas do mundo actual. Sobre ÍCONES E PAISAGENS DA MINHA TERRA diz o artista: “tentei, mais uma vez, fazer aproximações com outras lingua-

gens construtivas e interpretativas, reinventando formas e (re)utilizando materiais considerados pobres, tais como desperdícios de serralharia, carpintaria, alvenaria, pedaços de imprensa escrita, peças artesanais entre outros. (...) Nesta missão, esforcei-me por permanecer como um dos iniciados nas linhas estilísticas das artes tradicionais angolanas, aliado às tendências mundiais de arte contemporânea. (...) as sensações aqui transmitidas foram colhidas nos meios urbanos e periféricos, rurais e de informações prévias do mundo das artes visuais e plásticas. Nada foi inventado em absoluto (...).

Amilkar Feria Flores, curador da exposição diz, “Em ÍCONES E PAISAGENS DA MINHA TERRA, o artista elevou-se, ganhou uma distância crítica para compreender, com a acuidade da sua experiência, tudo o que conforma o vasto horizonte de seus domínios poéticos. É sem margem de suspeita, um caminho rico que abre novas rotas

a outros espaços de conhecimento e sabedoria; digamos que uma contribuição, ao mesmo tempo que um alerta sobre os perigos que ameaçam a diversidade ecológica, biológica, étnica ou linguística, num alerta para aquilo que ainda podemos”.

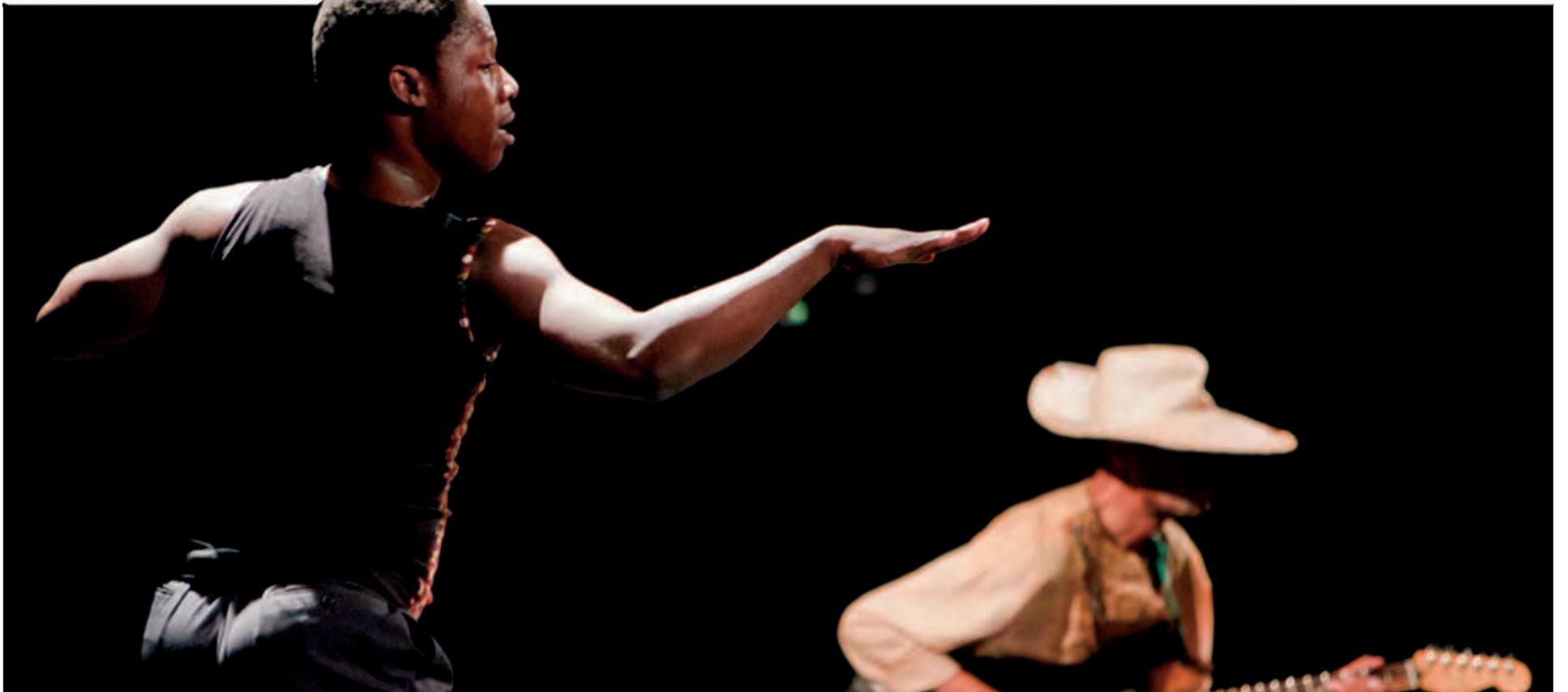
### SOBRE O ARTISTA

Francisco Van-Dúnem (Van) nasceu no Icolo e Bengo e fez os estudos primários e secundários em Luanda. Concluiu a licenciatura em



Educação Visual e Tecnológica na Escola Superior de Viana do Castelo (1994). Foi co-fundador e professor de desenho, gravura e pintura e também director da Escola Média de Artes Plásticas em Luanda (1994/1997). Concluiu o Mestrado em Educação Artística na University of Surrey Roehampton em Londres. Actualmente, é docente da disciplina de desenho no Curso de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade Agostinho Neto e Professor colaborador do Instituto Superior de Artes.

Conta no seu percurso com perto de 30 exposições individuais e mais de uma centenas de exposições colectivas apresentadas em Angola e outros países, como Argélia, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, Cuba, Espanha, Gabão, Itália, África do Sul, Inglaterra, Namíbia, Jugoslávia, Hungria, Guiné Bissau, Inglaterra, Namíbia, ex-Jugoslávia, Hungria, Moçambique, ex-Checoslováquia, Zâmbia, Rússia, Noruega, Suécia, Portugal, Congo, França, Alemanha, EUA, Japão e China. Entre os Prémios recebidos, incluem-se: Prémio Mural Cidade de Luanda/1985; Prémio Banco de Fomento Exterior/1990; Prémio Ensa-Arte/1996; Prémio Ensa-Arte/2004; Prémio Nacional de Cultura e Artes/2008.



Panaibra

## ENTREVISTA AO COREÓGRAFO PANAIBRA GABRIEL

# O GRANDE MUSEU DAS DANÇAS TRADICIONAIS

### MATADI MAKOLA

**O coreógrafo e bailarino moçambicano Panaibra Gabriel nos faz perceber, de modo lúcido e simples, como a dança sobressai desse estar em constante movimento, e nos convida a pensar se a vida, este movimento constante, não seria uma dança. Não seria, inconscientemente, apenas uma dança sob o embalo das tensões pessoais e colectivas das sociedades. A visão do seu trabalho "Mafalala", referenciado nesta entrevista concedida ao *Cultura*, esgota-se neste dançar o viver. A convite da Alliance Française de Luanda e do Centro Cultural Brasil-Angola, veio a Luanda para pesquisa e proferir uma palestra animada sobre coreografia e dança contemporânea africanas, que teve lugar no anfiteatro do Centro Cultural Brasil-Angola na tarde do dia 11 de Junho, sexta-feira.**

**Jornal CULTURA - Que ferramentas de imaginação têm hoje os coreógrafos africanos?**

**Panaibra Gabriel** - Há todo um espaço que deve ser agregado a um saber fazer que já existe. As iniciativas como estas, de quer traçar uma plataforma de intercâmbio, são um caminho para a criação de oficinas, produções conjuntas e comunhões que possam estimular a novidade e termos resultados como a aplaudida tentativa em teatro e dança do musical baseado nas tensões emocionais das personagens do romance *Niketche*, da escritora moçambicana Pauline Chiziane,

mostrando que a coreografia não é um trabalho isolado, dilui-se em diferentes campos da arte, como a música, artes visuais, poesia. É uma questão de continuar a trabalhar na transversalidade da coreografia.

**JC - Como posicionar o passado africano, no que toca a danças, neste mundo globalizado e de efémeras criações?**

**PG** - Uma das coisas importantes é não esquecermos que existe um grande museu daquilo que são as danças tradicionais, que funciona como fonte de inspiração e espólio sobre como os nossos antepassados definiam as suas sociedades nas suas criatividades artísticas. Por outro lado, é preciso compreendermos que estamos a viver outra realidade e que há uma evolução tanto estética como intelectual que é preciso não deixarmos à margem. Porque este processo foi natural, antes de termos passado por séculos de opressão. Esta vontade e necessidade de busca de valores afecta a ligação com a geração vigente, que agora se apropria de novas heranças culturais. Mas é importante nesta fase de definição observarmos mais, estarmos mais atentos à metamorfose do nosso dia-a-dia, apesar de hoje sermos pessoas indissociáveis do telemóvel e do automóvel. Há ainda coisas particulares e novas por descobrir, e isso só acontecerá se aguçarmos de forma desafectada o nosso senso de criação e de pesquisa.

**JC - Descobrir, pesquisar, encontrar novas imagens...**

**PG** - Pois. Posso tomar como exemplo quando fiz uma obra que intitulei "Mafalala", na qual procuro observar o corpo de Moçambique e do moçambicano novo. Não é mais aquele ser a pular vestido de saias de pele. Existe um novo corpo. Como criar desta visão as ferramentas que me possibilitem retratar a vida contemporânea? O resultado foi uma obra que analisava os trajectos diários da vida dos moçambicanos, desde o sair de casa ao serviço, mercado e comércio informal. Notei que esta labuta diária de levar coisas pesadas na cabeça torna-o num corpo que no seu dia-a-dia luta contra a sua gravidade. Foi interessante pesquisar só a partir desta realidade, que não é alheia a muitos países africanos. Encontrei vocabulários suficientes e materiais coreográficos, nesta relação de peso, verticalidade e como o corpo é afectado pelo impacto do dia-a-dia e da carga da vida. Encontrei uma forte metáfora observando apenas o corpo, permitindo assim reinventar temática e estética que tem a ver com o novo moçambicano. Não devemos deixar a arte presa ao discurso que se volta totalmente para o passado. Ganhamos nova dinâmica e isso exige de qualquer coreógrafo necessidade de transformação. Outro exemplo é o meu trabalho "Tempo e Espaço - Solos da Marabenta", que desperta alguma preocupação quanto à incompreensão de seguir o ocidente ou agarrar-se à África por se resgatar. Decidi criar esta obra à base do vocabulário estético das danças tradicionais e tribais, mas anulando os significados codificados pelo gesto. Porque foi apenas uma

análise estética que resulta numa proposta super contemporânea. Foi um trabalho bastante premiado. Isso mostra que há muitos ângulos de se chegar ao problema, e questionar de-me novos elementos, outra maneira de ler os códigos da memória colectiva. Mas é preciso recriar com o lado intelectual activo e investir ainda mais na nossa criatividade, de forma a estimularmos a arte.

**JC - Como qualifica as similaridades entre as danças de Angola e Moçambique?**

**PG** - Eu penso que há uma história que confere similaridade, algo que a história já não pode mais alterar. As semelhanças são notáveis nas danças de salão, e nas companhias de danças tradicionais vemos que há muito ainda por descobrir entre os nossos povos, e para isso é preciso criarmos maior aproximação, estabelecendo plataformas de conhecimento mútuo que possam facilitar avanços no desenvolvimento artístico.

**JC - Qual é o grande desafio dos coreógrafos africanos de hoje?**

**PG** - Para mim, o grande desafio continua a ser a abertura. É preciso chegar a um lugar lá no cérebro para sermos criativos. Esta abertura não assenta no discurso de não haver pessoas que pensam, mas há vezes que há tantas barreiras e falta de oportunidades que limitam o indivíduo. É preciso desenvolver mais acções que estimulem oficinas, residências artísticas e programas de formação. Lembro que uma vez fiz um programa em Moçam-

bique e não tive dúvidas de como os Moçambicanos têm talento na dança, mas nota-se claramente que o grau de fraqueza está na criatividade. Fomos educados numa sociedade cujo proceder é copiar dos adultos e fazer. É preciso quebrar um pouco isso porque não é a única forma de podermos fazer arte, há outros caminhos. É preciso dar oportunidade de conhecimento. O desafio é exactamente encontrar pessoas que estejam neste patamar de conhecimentos, abertas à criação e com um olhar vanguardista acima de tudo. Não basta apenas o corpo ter habilidade física, porque a dança criativa não quer apenas um corpo super atlético e que faça os melhores saltos, mas um corpo consciente dos saltos que está a fazer. Maior consciência corporal e profunda leitura de si próprio podem ajudar no posicionamento da criação nova. Em termos estéticos, há muito por se explorar nas danças folclóricas e que podem ser melhoradas com uma maior análise, saber como o corpo se curva nesta ou naquela dança. Pode-se mesmo desenvolver técnicas a partir desta introspecção e análise dos ritmos e camadas culturais que necessitam ainda serem melhor analisadas. A falta de conhecimentos que possibilitariam a análise coreográfica é o grande empecilho.

**CC - Do que vê no trabalho de outros, que nomes de coreógrafos africanos deveriam merecer mais a nossa atenção?**

**PG - Temos em África artistas que têm um trabalho pessoal muito importante e que estão numa direcção interessante. Falo de pessoas como os jovens coreógrafos sul africanos Robyn Orlin, Boyze Cekwana, Gregory**

Magoma, do congolês democrata Faustin Linyekula, dos moçambicanos Janete Mulapa, Orácio, da Senegalesa Fatou e do congolês brazzavile Cloram. Também podemos sempre citar nomes que já granjearam sucesso como Germaine Acogny, que é uma das pessoas que deram muito pela dança contemporânea no continente. Bem, teríamos uma lista cheia de nomes, porque acredito firmemente que cada um seja somente igual a si. Não os cito somente pelo resultado final, mas pelo processo que cada um tenta buscar para desenvolver o seu trabalho, propondo-nos um processo individual muito próprio. Estes nomes também nos mostram que os jovens devem ter a possibilidade de aceitar as diferentes formas do pensamento contemporâneo.

#### **Biografia de Panaibra Gabriel**

*Bailarino e coreógrafo de Moçambique, é um dos precursores da dança contemporânea naquele país. Nascido em Maputo, dedicou-se ao teatro, música e dança e completou a sua formação em dança contemporânea em Lisboa, com artistas como Vera Mantero (Portugal), Frans Poelstra (Países Baixos), Reggie Williams e Meg Stuart (Estados Unidos) com o apoio do festival Danças na Cidade.*

*Em 1998, ele fundou e desenvolveu CulturArte, uma estrutura artística voltada ao sector profissional e criativo de dança, onde vem desenvolvendo diferentes projectos, desde criação de espectáculos, a projetos educativos, oficinas, residências e plataformas, e desenvolve colaborações com artistas da África Austral (África do Sul, RD Congo, Senegal, Madagáscar) e da Europa.*

*Em 2000, apresentou a sua primeira criação, A Ópera do Tambor, no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo, uma produção da CulturArte, mais tarde a Criação*



*Mafalala, Sete, Heróis desconhecidos...*

*Em 2003, Gabriel organizou o seminário internacional com o tema: "Como ensinar e estimular a dança contemporânea em um contexto africano?". Segue a esta iniciativa a criação de um programa de desenvolvimento educacional "1º Estágio de Desenvolvimento Coreográfico", com duração de seis meses, obedecendo uma estrutura de trabalho de 8h durante 5 dias por semana. O curso foi desenvolvido em parceria com "Danças na Cidade" (Lisboa) e escola PARTS (Bruxelas). Coreógrafos como David Zambrano (Venezuela), Thomas Hauert (Suíça), Mat Vooter (Países Baixos), Arco Renz (Alemanha), Lia Rodrigues (Brasil), Clara Andermatt (Portugal), Faustin Linyekula (RDC) ou Boyzie Cekwana (África do Sul) fizeram parte do quadro docente para o curso.*

*Em 2004, criou o espectáculo "Dentro de Mim Outra Ilha (Em mim outra ilha)" que teve uma tournée de 3 meses pela Europa. Em 2005 lançou a primeira plataforma de dança contemporânea em Moçambique, hoje em dia denomina-*

*da como uma bienal, e passou a adoptar, em 2009, o nome "Kinani".*

*Em 2006, iniciou um novo projecto de formação em dança (IN)DEPENDENCIA, projeto de formação integrando jovens bailarinos com e sem deficiência física, o projecto culminou com a criação de vários espectáculos apresentados em Maputo, França, Ilha Mayote e Ilha Reunião e Estados Unidos da América, mais tarde, desenvolveu um núcleo de formadores no bairro de Matdene onde lançou o primeiro projecto de criação de grupos amadores de dança inclusiva. Em 2006, em Paris, a sua criação Dentro de Mim Outra Ilha, ganhou o segundo prémio nos Encontros Coreográficos de África e do Oceano Índico. Dois anos mais tarde, com a sua obra "Mafalala2" foi um dos vencedores em Zurique, Suíça, do Prémio Mecenato ZKB (2008), em seguida, através do projeto "time and space: the marrabenta solos" ganhou o Prémio incentivo de Sylt Quelle Cultural para SouthernAfrica (2009), um prémio da Fundação, Alemã Kunst: Raum Sylt Quelle em colaboração com o Goethe-Institut de Joanesburgo.*

*As suas obras "Tempo e espaço: os Solos da Marrabenta", "Limites", "Ponto de Intercepção" têm sido mostradas na África, EUA, América do Sul e Europa. Em 2013, seu o espectáculo "Tempo e Espaço: Os Solos da Marrabenta" foi considerado o melhor de dança em Portugal. E, em 2015, premiado melhor performance em Saraievo (MESS Festival). Desde 2012-2014 tem participado como director artístico e coreógrafo do projecto Incluarte.*

*Para além de criar e dirigir obras de dança, Panaibra Gabriel Canda tem dado aulas de técnica de movimento, aulas de composição coreográfica, improvisação e história da dança, deu aulas em seguintes universidades: Universidade Nova de Lisboa, UCLA- Universidade da Califórnia, Universidade de Vermont, Universidade do Novo México, Clare Smith College Park em Washington, e tem orientado workshops em diversos festivais no mundo.*

## MUSEU ESPECIALIZADO

# A moeda na construção da História

**ADRIANO DE MELO**

**A**companhar a história do país, a partir da evolução da moeda, é, desde Maio, a nova proposta que a baixa de Luanda oferece aos seus habitantes e visitantes, de terça-feira a domingo, das 9h00 às 17h00.

O museu, vocacionado apenas para a história e evolução da moeda em Angola, do período colonial até aos dias de hoje, tem sido, nestes primeiros meses um "ponto comum" da maioria dos luandenses, ávidos de conhecimentos e curiosidade. É muito usual para qualquer visitante ver muitas crianças no recinto, acompanhadas pelos pais, ou um encarregado de educação, uma prática que se tinha reduzido bastante nos últimos anos, devido, em parte, à dinâmica da vida, onde o tempo é um factor crucial.

Actualmente, logo à entrada do museu, com uma estrutura arquitectónica muito diferente das demais instituições do género, está a exposição "Expressões de Prata", em regime temporário.

Mas ao virar à esquerda, começamos por entrar no mundo da moeda, este vil metal, que durante anos definiu o destino de civilizações e construiu Nações. A história começa pela Macuta e Reis e passa pelo Centavo, Escudo e o Angolar até chegar ao Kwanza.

Num percurso, que pode ser feito em minutos ou horas, os visitantes têm a possibilidade de conhecer as mudanças que ocorreram no dinheiro usado no país ao longo de anos. Se nas primeiras notas e moedas vemos vários símbolos e líderes portugueses, impressas sob orientações do Banco Nacional Ultramarino, para a então Província de Angola, depois temos o Kwanza, o símbolo máximo de um povo libertado, impresso já pelo Banco Nacional de Angola.

A cada nota do kwanza também temos um registo da própria História do país. As notas traziam desenhos sobre vários assuntos, todos ligados aos objectivos do país na época. O incentivo à luta pela paz, a aposta na educação, ou o petróleo, como uma das riquezas do

país, assim como o algodão, eram parte das notas. A exposição permanente inclui também alguns símbolos e produtos que eram usados, antes das moedas e notas nas trocas comerciais, como o sal ou o zimbo, assim como artefactos guardados, ao longo de anos, pelo Banco Nacional de Angola, como parte do seu acervo.

Apesar de alguns jovens usarem o local mais para fazer fotos suas ("selfies"), uma boa parte ainda vai para lá cheia de curiosidade em entender o que vêem. O modernismo, típico de um museu contemporâneo, está bem patente no local.

Claro que para prevenir qualquer dano, a direcção do museu criou regras para proteger o património ali patente. Uma das regras é a proibição do uso de flash durante as fotos. A equipa de segurança montada no local está lá para fazer cumprir cada regulamento, de forma a preservar o património, no âmbito de um amplo projecto nacional de valorização da herança histórica e cultural do país.

A infra-estrutura, que é uma iniciativa do Banco Nacional de Angola e começou a ser construída em Janeiro de 2013, hoje é uma referência da baixa de Luanda.



# XI FESTECA

## OS GUERREIROS DA GLOBO DIKULU E A IMAGINAÇÃO ESVOAÇANTE DE ANN KLATT

MATADI MAKOLA

**O pano do palco da XI edição do Festival Internacional de Teatro do Cazenga (FESTECA), que decorreu no Centro de Animação Artística "ANIM'ART" de 8 a 17 de Julho, abriu com um grito de bravura aos feitos da organização, que fez de tudo para termos a festa do teatro, a contracorrente de tantas incertezas financeiras. Mas a noite de abertura do certame reservava outras peripécias, do atraso sentido e reclamado às lágrimas de alegria de Nani Pereira...**

A noite caía e a chegada de convidados ilustres trazia a certeza de que a arte pode ser fundamental na desconstrução de estereótipos e preconceitos. A 6ª Avenida do Cazenga agitava-se aos poucos que iam chegando gente de diversos estratos sociais e origens. Toda a poeira daquela rua sem asfalto e as ainda precárias (mas possíveis) condições que o centro oferece, contribuíram mais ainda para o mérito de Orlando Domingos e sua equipa, que somam mais de duzentos espectáculos e um leque de mais de três mil actores movimentados nestes 11 anos de FESTECA. Porque mais pobres estaríamos se toda a máquina não soubesse se arrojar com disciplina para manter firme o único festival internacional de teatro ainda operante de forma regular, agora acudido pelo Circuito Internacional de Teatro, organizado na Centralidade do Kilamba. Convictos deste propósito estavam José de Oliveira Bastos, vice-administrador do Cazenga para Área Política e Social, Viera Lopes, director nacional da Acção Cultural do ministério da Cultura, directores de grupos de teatro, actores, jornalistas e demais presentes, imbuídos no espírito da seguinte afirmação: "Juventude e Arte - O Futuro nas Nossas Mãos".

### Homenagens

O grupo Ombaka, da província de Benguela, que conta com mais de seis participações no FESTECA, foi o escolhido desta vez. Criado a 5 de Março de 2005 na cidade de Benguela, é dos mais dinâmicos da região sul, ganhando assim alguma atenção mediática. Conta com uma participação internacional no Festival de Inverno de Moçambique. Tem em destaque as peças "Quando a Realidade Atinge", "O Técnico", "Sonhei com Manguxi", "A Lei" e "O Elevador".

Algumas figuras da génese do teatro angolano foram distinguidas. Conceição Diamante, natural de Luanda, tem uma carreira de mais de 30 anos, num percurso que se estende nos palcos e nas telenovelas. É um dos rostos do grupo Julu, de forte intervenção no teatro comunitário. Volta a ser nome sonante neste festival que já em 2014 a elegeu como melhor actriz.

Africano Kangombe tem se notabilizado como figura transversal e ponto de unidade da classe teatral, além das suas meritórias habilidades reconhecidas no excelente trabalho de gestão do Oásis. Foi, a nível internacional, consultor da ONU para o Teatro e Culturas Étnicas Angolanas. Por si encabeçado, a nível local o Oásis foi segundo lugar no FENACULT de 1989 e Prémio Nacional de Cultura e Artes de 2014. Pelo facto de estar entre os homenageados, que lhe valeu um diploma e troféu, também disse: "Não tem sido fácil continuar, mas o teatro é sempre uma arte gratificante".

A actriz e figurinista Anacleta Pereira, a nossa "Nani" do Elinga Teatro, uma das poucas sobreviventes do núcleo embrionário do qual nasce o Elinga de hoje, acautelou-nos de imediato ser uma pessoa de lágrimas fáceis e

que tem procurado evitar uma excessiva exposição pública. Nasceu em Luanda mas passa toda infância e adolescência em Mbaza Kongo, onde toma os primeiros contactos com o teatro. Tem um percurso inteiro no Elinga, onde, sem favor de ser membro fundador, divide a direcção do grupo com Mena Abrantes. Coordenadora do importante Festival Internacional Elinga, mas que só chegou na terceira edição e claudicou, ficando a promessa da quarta sem data e local previstos. Na possível vida fora dos palcos, visto que ainda estamos muito longe dos actores viverem do teatro, mesmo para consagrados do quilate de Nany, Kangombe ou Adelino..., se desdobra como jurista.

Nas poucas palavras de agradecimento, interrompidas pelas lágrimas que lhe caíram insubmissas, foi precisa em dizer que o teatro, como arte colectiva, precisa de momentos como estes e que é uma das poucas acções de homenagem prestadas à sua pessoa.

David Caracol sobressaiu ainda neste ano de 2016 com uma actuação brilhante em "Cartas da Guerra". A verdade é que este actor do Horizonte Njinga Mbande voltou a mostrar a sua competência em passar no casting de "Posto Avançado do Progresso", outro filme de produção portuguesa. Mas a boa nova não para aí: David recebeu em Março passado o prémio de melhor actor do Festival de Las Palmas, em Espanha, pela sua actuação em "Posto Avançado do Progresso".

Com cerca de 30 anos de teatro, o XI FESTECA não podia estar céptico ao bom momento da carreira deste actor angolano, recado que deve ser baixado às embaixadas de Angola no estrangeiro para que estas possam fazer o seu trabalho de expansão cultural e ajudar no acesso a projectos internacionais. Das suas poucas palavras no

palco do FESTECA, disse-nos que "o prémio é de Angola".

### Vinde mais vezes, Ann Klatt

A vinda da actriz alemã Ann Klatt é sem sombra de dúvida, em jeito de respaldo antecipado, o grande ganho que o instituto cultural alemão - GOETHE - conseguiu dar às Artes Cénicas neste ano que esperamos o florir do festival internacional de teatro infanto-juvenil. Até então o GOETHE não se envolvia de forma tão positiva e acertada com o teatro, nessa sua empreitada cultural que tudo indica estar disposto a direccionar as suas intenções para lá da Mutamba.

Ann dirige uma companhia de teatro de bonecos, um trabalho mais complexo que o da escola de marionetas. Faz um pouco de tudo: monta o cenário, as roupas e, e mais difícil, faz voar a sua imaginação. O teatro de bonecos é um trabalho sofisticado e novo que é voltado para um público superior aos quatro anos de idade, já sendo desenvolvido em países como França e Inglaterra. Esta linguagem, mais visual, trabalhando a expressão corporal com mais afinco, permite às crianças desenvolverem as suas emoções.

Onde busca inspiração para fazer coisas tão estranhas e fugidias à imaginação comum? Um dos actores presentes no encontro perguntou, curioso em saber como ultrapassar o problema da falta de imaginação. Ann, de sorriso nos lábios, orientou que usa como método o recurso às artes plásticas. Disse ser uma pessoa atenta às artes plásticas e à dimensão pictórica dos quadros, que lhe servem de fundo e onde busca os traços da composição de personagens que dá vida. Esta directora alemã apresenta ideias que são uma alternativa à mesmice e clichés de composição que vem se evidenciando no nosso teatro.



Africano Kangombe



Anacleta Pereira



Conceição Diamante



David Caracol

## JOSÉ LUÍS HOPFFER ALMADA

# “REMEMORAÇÃO DO TEMPO E DA HUMIDADE”



mote Lembras-te e dos versos em refrão Todos nós éramos/todos nós fomos; Livro que sectoriza o leitor para cada livro de cenários profusos, mas numa linha de remarcação do sujeito poético complexo.

O arco e a lira em José Luís Hopffer Almada também armam-se da recordação, da ontologia, da epifania e da litania. São orações, se quisermos, em toda a sua ambivalência, porquanto empreendem os versos tanto na retroversão do passado (ecos e ressonâncias) do Poeta, como na prospecção do futuro (desejos e pulsares) no projecto poético tornado livro. Fica-nos a dúvida: será que a paixão vigorosa do puro texto a varrer a temporalidade o nascedouro do épico moderno?”

Decorreu, dia 1 de Julho, nos Paços do Concelho de Lisboa, a apresentação pública do livro “Rememoração do Tempo e da Humidade (Poema de Nzé de Sant’y Ago)” do poeta caboverdeano José Luís Hopffer Almada e dirigente da Associação Caboverdeana de Lisboa.

Filinto Elísio escreve que “O livro de José Luís Hopffer Almada, “Rememoração do Tempo e da Humidade” (Imprensa Nacional Casa da Moeda), (...) reconfirma algo já escrito nas estrelas das letras cabo-verdianas.

Hopffer Almada realiza neste seu novo livro a articulação de seis outros ‘livros’ – ‘A infância e os mitos assinalados’ e o subtítulo ‘Assomada nocturna revisitada’; ‘Terra Longe-Diásporas’; ‘Sanvicentinas (Reformulações Mindelenses)’; ‘Revisitações da Casa do Tempo e do Saber’; ‘Praianas’; e ‘(Es) pasmos da Desesperança e da Dor de Liberdade (ou Reencenações da Maturidade dos Tempos e dos Heróis Reinventados)’. Livro que, aporta em subtítulo ‘Poema de Nzé di Sant’ y Águ’, que o ressignifica em completude assonante do verso em



### AUTOBIOGRAFIA ORTÓNIMA

*Nasci numa aldeia  
à sombra de um sobrado  
e da austera penumbra das montanhas*

*Ainda criança  
exauri-me nas exaustas margens das ribeiras  
galguei a húmida orografia da Assomada  
e fiz-me árvore do planalto*

*O serpentear das estradas  
fez-me desembocar no mar  
e desaguar no silêncio  
junto a uma cidade  
espraiada em azul e murmúrio*

*De costas para o mar  
insinuei-me  
- para além da ilha -  
na lenta e transparente  
caminhada das nuvens  
para de Leipzig  
loucamente beijar  
com amor e com ardor  
a neve com odor  
a carvão e melancolia  
para da Europa  
longamente acariciar  
com ardor e com amor  
o níveo e silente frio*

*Hoje sei que sou  
um simples signo de adão e eva  
e do seu éden pétreo no Pico de António*

**José Luís H. Almada**

# Rodrigo de Matos vence

## Grande Prémio Press Cartoon Europe



Rodrigo de Matos

O cartoonista Rodrigo de Matos foi o vencedor do Grande Prémio Press Cartoon Europe. O português venceu o concurso que distingue os melhores cartoons publicados em jornais, revistas e meios de comunicação online de toda a Europa. O cartoon premiado caricatura o futebol e a crise económica portuguesa.

Promovido pelo Press Cartoon Belgium, o Press Cartoon Europe atribui um prémio no valor de 8.000 euros. Este ano, o galardão foi entregue a Rodrigo de Matos, graças ao cartoon que revela um mendigo com uma tigela nas mãos, a ser servido com uma concha onde está colocada uma bola de futebol.

O objetivo passar por fazer referência à crise económica no país e ao apuramento de Portugal para o campeona-

to do mundo, este ano, no Brasil. A colaborar com o semanário 'Expresso' desde 2006, o cartoonista luso vai, agora, receber o prémio no Festival Internacional de Cartoon, em Knokke-Heist, na Bélgica, sendo que o segundo prémio foi atribuído a Tjeerd Royaards e o terceiro a Hajo de Reijger, ambos por cartoons publicados na Holanda.

Natural de Angola, Rodrigo de Matos estudou jornalismo em Coimbra, onde também se licenciou em Ilustração Editorial e de Imprensa. Atualmente, reside em Macau e publica no jornal macaense 'Ponto Final'.

## ENTREVISTA DE AZIZA RAHMOUNI, POETA MARROQUINA AO POETA PORTUGUÊS LUIS FILIPE SARMENTO

**Aziza Rahmouni - Você poderia nos contar um pouco do seu caminho criativo diversificado entre a produção e escrita?**

Filipe Sarmiento - Desde que percebi que a criação de fenómenos artísticos passaria por uma boa parte das 24 horas de cada dia da minha vida, vários foram os caminhos que se cruzaram. Desde logo a literatura, mas também o cinema, o jornalismo, mas também o teatro. Diria que é um caminho atípico. Não só porque não pertença a esse universo de gente que começou a ler clássicos aos 5 anos e a escrever poesia aos 6, mas porque passei por uma infância igual a tantas outras em Portugal no início dos anos 60 do século passado. Como quase todos os rapazes desse tempo acalentei sonhos de ser jogador de futebol, locutor de rádio, bombeiro, piloto de aviões ou astronauta. Foi a colaboração precoce nos suplementos juvenis dos jornais, o que foi um acaso da minha vida, que me fez aproximar de um mundo até então completamente desconhecido para mim. Entro muito cedo para as redacções dos jornais onde viria a conhecer os mais importantes intelectuais portugueses. Pela simples prática de estar simplesmente à escuta nas suas tertúlias fui descobrindo o mundo fantástico dos livros e dos seus contadores de histórias, dos pensadores, dos artesãos das palavras mágicas.

A paixão seria inevitável. E, talvez por mimese, comecei a escrever as minhas primeiras histórias e os meus primeiros poemas, mas com uma forte influência da técnica jornalística que já então praticava. Percebi que o jornalismo é uma das disciplinas superiores da literatura e, a partir dele, as ficções são mais reais, mais próximas do leitor. Contudo, o fascínio pela linguagem leva-me a experimentalismos modernistas e à descoberta de outras. Surge, assim, o cinema e, conseqüentemente, a televisão. 40 anos depois do meu primeiro livro e 35 anos depois da minha primeira série de filmes para televisão permanece o mesmo fascínio por esse mistério que nos leva a criar a partir do real novas formas da sua interpretação, para compreendê-lo e saber um pouco de quem somos.

**AR - Você tem um ritual de escrita, horários fixos ou um lugar tão especial?**

FS - Os rituais vão mudando com o tempo. Quando era jovem, preferia escrever à noite, madrugada fora, acompanhado por um bom vinho do Porto. Hoje, prefiro levantar-me cedo, por volta das 7 horas da manhã e dar início ao meu trabalho de escrita. Costumo escrever numa longa mesa de madeira, virado para a parede. São horas de interioridade, de reflexão, de sonho. Ao fim e ao cabo, é todo um mundo de ficções que se convoca para chegar ao grande objectivo que é comunicar. Comunicar, confrontando ideias, criticando ou denunciando os insultos que os senhores do mundo lançam contra os povos. Sobretudo contra os povos do Sul. Neste meu pequeno mundo, como se fosse o atamor de um alquimista, vão surgindo as ideias que darão corpo e vestuário às minhas obras. Sempre em silêncio. Solitariamente.

**AR - Você escreve o texto só uma vez ou repetidamente?**

FS - Um texto, no meu caso, é submetido a várias versões, por vezes num exercício obcecado pelo jogo da linguagem. Os meus livros vão surgindo de fragmentos escritos à mão, sobretudo em viagem, exercícios de reflexão filosófica, linguística, histórica e que, mais tarde se adaptarão à obra em execução. Fruto de uma das minhas paixões maiores que é a leitura e o cinema. Quando chega o momento em que, conscientemente, não tenho nada mais a acrescentar, seja à ficção, ao ensaio ou ao poema, dou por terminado o livro. Depois, deixo-o descansar num arquivo oculto no meu computador, depois de salvo numa pen, durante algumas semanas. Ao revisitá-lo vou descobrir se ele está definitivamente acabado ou se exige alterações. Terminado este processo, segue para o editor. A partir daqui deixa de me pertencer. Esqueço-o. E raramente regresso a ele.

**AR - O que represente a escrita para você?**

FS - Começou por ser uma paixão pela descoberta da linguagem. Hoje, a literatura é um membro da minha família mais íntima. Com quem me entendo, com quem me zango, com quem me rio, com quem, por vezes, corto relações e a quem retorno sempre movido por novas sensações de paixão, por um erotismo revivificador e transformador do ser. A literatura, sendo um espaço da interioridade, só acontece quando sai. Só é real quando explode. Nós só somos o que somos quando saímos. Ser é sair. E quando se sai há sempre algo de novo que nos espera e nos leva pelos caminhos misteriosos da sedução que nos conduzirão irremediavelmente ao fascínio, ao deslumbramento. Mas a literatura também é um espaço de profundo agradecimento pela existência que me tocou viver.

**AR - Há algumas "partes" de você, a sua experiência, em sua escrita?**



FS - Evidentemente. A relação das nossas experiências com o fascínio pelo mundo desconhecido que encerramos em nós mesmos está plasmado em cada poema, em cada reflexão, em cada parágrafo de uma história aparentemente inventada onde o real está tão presente como na realidade que nos envolve. Escrevemos para saber quem somos e com quem comunicamos. Nesse diálogo tem-se a consciência de que hoje sou diferente de ontem e diferente de amanhã. É uma relação que nos leva à repetição da diferença num universo de diversidades que nos constituem em cada fenómeno experimentado.

**AR - Você gosta mais de escrever ou traduzir e por quê?**

FS - A escrita e a tradução são faces da mesma moeda. Com a primeira navego no meu barco, sem destino, em busca de novos territórios. Na tradução, reinvento o território de outro, desterritorializo-me e viajo numa dimensão paralela com a mesma paixão, com o mesmo fulgor, com o mesmo rigor. É desta relação que surge, por vezes, novas relações com os autores que traduzo. Novas famílias, novos mundos, novas sensações com a dimensão fascinante de um outro idioma.

**AR - Antes do lançamento de um livro, o que você sente?**

FS - A tranquilidade absoluta de que esta viagem já ninguém me pode tirar. O prazer de vê-lo voar pelas livrarias nacionais e estrangeiras. Mas também a disponibilidade de aceitar o convite que o livro me faz a viajar com ele para outras paragens. Quando um livro sai sinto também o terror de não voltar a escrever outro.

**AR - Você é sensível à crítica literária?**

FS - Se ela é honesta, sim. Se ela tem como função ser megafone de interesses alheios a mim e ao meu livro, não.

**AR - Qual é o segredo do sucesso?**

FS - Creio que não há receitas. O sucesso acontece para lá do ofício do escritor. Não me sujeito a modismos. Lanço experiências literárias. Se elas têm eco junto dos receptores fico feliz. Se não têm, não deixarei de fazer o meu caminho com a autenticidade que me exijo em cada obra. Não busco sucessos. Os sucessos são sempre exteriores a nós. Têm vida própria. E não deixo que influencie a minha mais profunda intimidade. O sucesso pode ser, num ou noutro caso, um suplemento vitamínico contra o medo de uma seca criativa. E nunca deverá ser o leitmotiv do escritor. O escritor em si vive fora do sucesso. O sucesso é um múltiplo abraço do desconhecido a quem agradeço pela generosidade que transporta em si mesmo.

**AR - Através da escrita, você deve passar mensagens ou apenas contar histórias?**

FS - Toda a minha escrita é comprometida com o tempo que vivo. É uma escrita da actualidade, do momento transformador da humanidade, das suas convulsões, das suas arbitrariedades, dos seus confrontos ideológicos. As histórias estão lá. Basta observá-las com atenção e detalhe. No detalhe de uma foto há uma

história oculta por contar que não se pode dissociar do universo onde está integrada. Seja no romance ou na poesia, presididos pelas mensagens humanistas e contra todo e qualquer poder que tente anular a livre expressão da humanidade. Não somos propriedade de ninguém. Fazemos parte de um corpo que sem nós seria mais pobre. Essa é a grandeza do edifício humano.

**AR – O Facebook abre os horizontes. Vocês acha que ele aproxima o leitor do escritor?**

**FS** - Sem dúvida. A revolução comunicacional operada pelas redes sociais veio transformar e alimentar a relação não só entre o escritor e o seu leitor, mas entre todos os seres humanos. Para o bem e para o mal. Mas as revoluções encerram sempre riscos e se assim não fosse ainda estaríamos a viver em grutas sem saber da existência do outro. O Facebook é um enorme salão de confronto de diferenças, de reencontros, de pacificações históricas, de movimentos humanistas pela igualdade de todos os seres humanos independentemente das suas ideologias ou opções religiosas, da cor da pele ou das suas geografias. O Facebook é um mundo virtual onde a existência é tão real como na minha cidade. Foi nesse enorme salão de eventos que nos encontramos e nos sentámos para esta conversa fraterna sobre um tema que é em si toda a vida desde há milhões de anos até ao infinito.

*Esta foto  
captura-me  
representa-me  
autentifica-me  
depois de morto.  
No regresso à poesia  
rasgo-a.  
O tempo não captura  
o mistério do poema.*

*(Luís Filipe Sarmiento, do livro "Efeitos de Captura", 2015)*

Esta é a Europa das fraudes, dos impedimentos, do desprezo humano, da corrupção, das proibições, das barreiras, dos muros da vergonha, das cortinas que escondem misérias, do assalto às multidões. Esta é a Europa sem memória, da festa dos eleitos em reuniões clandestinas em hotéis de luxo, da manipulação, da destruição da esperança, do holocausto programado. Esta é a Europa sem solidariedade,

que assassina a fraternidade entre povos, que vilipendia a diferença, que envilece culturas, que promove mortandades. Esta é a Europa da globalização da pobreza e da miséria, da normalização digital das mentes, dos alimentos, das medidas, das fardas virtuais, da descaracterização do homem regional. Esta é a Europa dos criminosos, dos assassinos, dos corruptos, dos títeres, das marionetas, dos vermes. Esta é a Europa dos cadáveres, do sangue putrefacto, da prosa enlameada pelos detritos das fortunas roubadas às nações. Esta é a Europa que deflagrou a democracia, a política, o consenso, a Europa que se suicida dia a dia nos cadafalsos da especulação, dos famigerados mercados, das bolsas e dos seus carrascos. Esta Europa é um imenso Vesúvio, de múltiplas crateras, o terramoto da vergonha, o dilúvio da ambição, o esgoto do caos. Esta Europa é uma Comissão de loucos, fanáticos, cobardes, o buraco negro da dignidade humana.

*(Luís Filipe Sarmiento, do livro "A Casa dos Mundos Irrepetíveis", 2015)*

**Luís Filipe Sarmiento** nasceu a 12 de Outubro de 1956. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Escritor, Tradutor e Realizador de Televisão. Jornalista, editor, realizador de cinema e vídeo. Professor de Escrita Criativa. Alguns dos seus textos encontram-se traduzidos em inglês, espanhol, francês, italiano, mandarim, japonês, romeno, macedónio, croata e russo.



## BIBLIOTECA ONLINE TEM MAIS DE TRÊS MIL LIVROS GRATUITOS EM PORTUGUÊS

Uma biblioteca online disponibiliza gratuitamente mais de 3.000 livros em português europeu, além de ter 25 reedições de títulos que estavam desaparecidos e um espaço de edição de originais de novos autores.

O projecto Bibliotrónica Portuguesa nasceu em 2007, no Departamento de Literaturas Românticas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pela professora Ângela Correia e alunos, mas autonomizou-se no ano passado para um endereço próprio.

A generalidade destes livros está disponível em formatos que permitem impressão ou que podem ser descarregados gratuitamente para leitura em dispositivos pessoais.

A secção dos cerca de 3.000 "livrónicos" funciona como um portal para os livros em língua portuguesa que estão presentes 'online', é a zona mais utilizada pelos leitores e pretende ser exaustiva.

São livros de todo o género, sem qualquer critério de qualidade associado. Cada publicação é classificada por nome do autor e pelo título, tendo

associada uma classificação que indica se é pesquisável, se está sob a forma de fotografias (ou seja, com fotos de cada página) ou se tem alguma restrição de acesso.

O 'site' também já reeditou 25 livros que deixaram de existir em papel, obras antigas ou difíceis de encontrar por não serem apetecíveis comercialmente para as editoras convencionais, mas que "mantêm o interesse público" e que estão libertos de direitos de autor.

Os objectivos destas publicações, segundo a docente, "são vários".

"Um deles é darmos espaço de experimentação a novos autores que nunca tenham conseguido publicar numa editora e a novos ilustradores, além das pessoas que aprendem como se faz um original, desde a revisão do texto à paginação e à articulação com a ilustração", explicou.

Os novos autores que queiram ser publicados têm de aceitar condições como a inexistência de troca de dinheiro e a cedência de direitos para que o livro fique disponível a toda a gente, porque o projecto quer funcio-

nar como "uma espécie de montra".

O projecto tem ainda um blogue, que actualmente concentra artigos publicados na imprensa sobre livros, antigos ou recentes, mas que Ângela Correia quer desenvolver para um espaço de crítica e crónicas, contando

em breve com a colaboração da escritora Adília Lopes.

Em números, o blogue tem 275 seguidores, o 'site' teve 43.079 visualizações desde que se autonomizou, em Abril de 2015, e no dia em que foi mais visitado alcançou os 8.593 visitantes.



Resumo da Prancha anterior:

Caminhando na pradaria, Du Toit, faz uma paragem breve e acena, indicando à Katumbo e Josy, uma aldeia no horizonte. De súbito a tranquilidade é violentada pelo roncar do motor de um helicóptero.

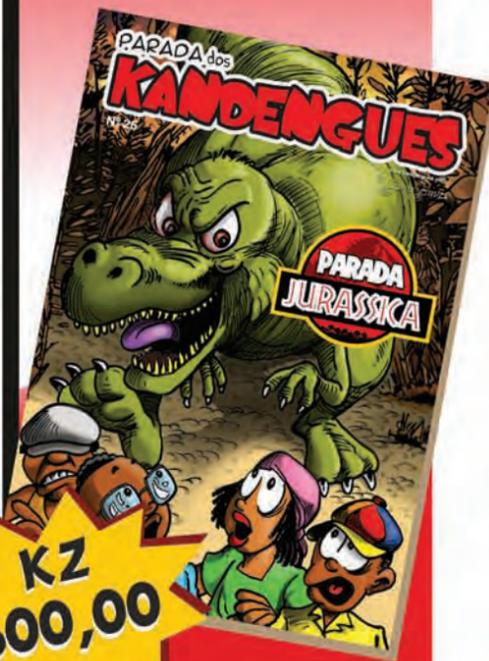
**A GERAÇÃO DO HOLOCAUSTO** <sup>25</sup> Por: LITO SILVA

# CARCAMANO



PARADA dos **KANDENGUES**  
© Sisma Comics  
www.sismacomics.com

A PUBLICAÇÃO DA GAROTADA A **18** ANOS DESFILANDO ALEGRIA



**KZ 500,00**

JÁ NAS LIVRARIAS O **NÚMERO 25.** COM A HISTÓRIA **PARADA JURASSICA**

VOCÊ PODE COMPRAR NOS SEGUINTE LOCALS:

- BAZAR SEDUÇÃO
- LIVRARIA MENSAGEM
- DISTRIBUIDORA AFRICANA
- INIC
- COLÉGIO AFRICANO
- COLÉGIO KAALI
- COLÉGIO JOAQUIM MENDES
- COLÉGIO ALBERT EINSTEIN
- COLÉGIO JÚLIO VERNE
- SUPERMERCADO GOURMET
- LOJA PALMAS
- MADE IN ANGOLA
- BARBEARIA MAIANGA

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO